

RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA

Daiane Pereira Soares¹

Alisson Avelino Batista de Souza²

Kyara Thalia Gomes de Lima³

Wallisson Lopes Cardozo⁴

RESUMO

O objetivo deste trabalho é realizar uma reflexão pedagógica a respeito da relação professor-aluno, utilizando como percurso metodológico uma abordagem de caráter exploratório, pautada em uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, baseada em autores cuja as obras transcendem através dos tempos, contribuindo e argumentando sobre o contexto histórico do ensino brasileiro, discutindo a importância do uso da práxis pedagógica e do ensino prazeroso dentro da realidade dos sujeitos. Destarte, é necessário que o educador se torne ciente do sistema de reprodução das desigualdades e da violência simbólica, providenciando uma didática que abrange as especificidades de sua realidade profissional, trabalhando para melhorar as diferenças, de acordo com a realidade e necessidade de seus discentes, visando um ensino democrático e um aprendizado que os aproximem dos conteúdos propostos.

Palavras-chave: Práxis, Ensino, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe investigar as contribuições de manter uma relação professor-aluno voltado a um ensino-aprendizagem qualificado e prazeroso, que considere a integridade dos indivíduos, suas cargas culturais e sociais como parte do processo de maturação do ser, promovendo uma educação que considere o diálogo, as trocas de vivências e saberes, que com isso, proporcione uma educação sem violência simbólica, e sim, que aproxime todos os sujeitos aos conteúdos propostos.

Nosso artigo dialoga com autores como: ARANHA (2006), ANDRÉ (2016), BOURDIEU (1972; 1998; 2003; 2007), CORDEIRO (2007), FREIRE (1984; 1987), LIBÂNEO (1994), MOREIRA (2002), NIETZSCHE (1986), e suas contribuições para a

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Campus Cajazeiras/PB
daiane_pereira01@outlook.com

² Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Campus Cajazeiras/PB
alissonsouz16@gmail.com

³ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Campus Cajazeiras/PB
tkyara9@gmail.com

⁴ Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Campus Cajazeiras/PB.
wallissonl@gmail.com

construção da discussão sobre o recorrente tema, mediante o modelo situacional político-social que nos encontramos atualmente.

Buscaremos tratar sobre o sistema educacional selecionador, para, por fim, debatermos a importância de se repensar e construir uma boa didática, com estratégias democráticas, para alcançar o objetivo de propagar uma educação voltada para a formação humana em seu sentido integral e popular, na qual irá mediar o profissional e os educandos na promoção dos saberes e das relações entre eles, proporcionando um processo de construção de conhecimentos.

Faz-se, assim, refletir sobre os modos de ensinar e educar contemporâneo e como podemos favorecer o ensino e a prática docente através das contribuições que a formação continuada e a relação professor-aluno lhes proporcionam.

METODOLOGIA

Esse trabalho é de caráter exploratório pautado em uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa, com embasamento em livros e artigos de autores que perpassam suas obras através dos tempos e que contribuem com a discussão sobre essa temática e argumentam sobre o contexto histórico do ensino brasileiro, sobre a importância do ensino voltado no uso da práxis pedagógica emancipatória e na promoção de tornar prazeroso o ensino dentro e a partir da realidade dos indivíduos. ‘

Nosso artigo dialoga com autores como: ARANHA (2006), ANDRÉ (2016), BOURDIEU (1977; 1998; 2003; 2007), CORDEIRO (2007), FREIRE (1984; 1987), LIBÂNEO (1994), MOREIRA (2002), NIETZSCHE (1986), e suas contribuições para a construção da discussão sobre o recorrente tema, mediante o modelo situacional político-social que nos encontramos atualmente.

Deste modo, nos levando a questionar como a educação brasileira vem atuando após as diversas reformas do ensino e dos surgimentos das teorias de estudiosos que passaram a pensar a partir das percepções e especificidades do aluno.

DIDÁTICA: O USO DA PRÁXIS NO PROCESSO DE ENSINO - APRENDIZAGEM

Inicialmente, para debatermos sobre a relação professor-aluno, se faz pertinente contextualizarmos sobre o sistema educacional brasileiro, onde a escola atua como sendo um “aparelho ideológico do Estado”, como afirma o filósofo Louis Althusser (1918-1990), essa reprodução das ideologias dominantes vem se perpetuando por meio de construções históricas.

Trazendo essa discussão para o Brasil, podemos perceber que esse processo de propagação ideológica é essencialmente histórico, tendo início na colonização do país com a chegada dos portugueses, quando, ao tentarem forçar sua cultura aos nativos; através da catequização, lançaram a semente da desigualdade. Suas atitudes já se faziam intencionalmente hegemônicas, quando se auto superiorizaram e inferiorizaram aqueles que não faziam parte de sua cultura, marginalizando-os e os rotulando como seres “diferentes”, onde se era necessário mudá-los e/ou “salvá-los”.

A partir de então, ao longo dos anos, a sociedade foi sendo construída com base em um sistema opressor, que oprime e aliena aqueles que são considerados inferiores, aos olhos da cultura detentora do poder legítimo. Por toda a extensão longitudinal do tempo, foram criadas ferramentas e ideologias para manter o referido esquema doutrinário, moldando-se à luz das novas formatações sociais, e a escola passa a servir como um recurso de reprodução das desigualdades sociais e de alienação.

Com a proposta da Escola Nova, lançando uma perspectiva democrática, que afirma conceber oportunidades igualitárias para todos, emergiu a esperança de uma mudança situacional na qualidade de vida das massas populares, e o Estado se livra da responsabilidade de se preocupar com as diferenças existentes no contexto escolar e manter as desigualdades sociais. Paulo Freire (1984, p. 89) enfatiza que “Seria na verdade uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneiras crítica.”

Bourdieu (1998) complementa:

Para que sejam favorecidos todos os mais favorecidos e desfavorecidos os menos favorecidos, é necessário que a escola ignore [...] as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sanção às desigualdades iniciais diante da cultura. (1998, p. 53).

Por consequência, percebemos que não há uma neutralidade na educação. Existe uma cultura legitimada no sistema escolar, onde esse sistema reprodutor irá oportunizar uma educação de significância para aqueles que contam com essa herança cultural e familiar da classe dominante, na qual a capacidade de decodificar e entender os conteúdos propostos faz parte de sua realidade. Por outro lado, essa neutralidade acaba excluindo, indiretamente, aqueles que não fazem parte da cultura prevista pela hegemonia escolar, já que os assuntos não fazem parte da sua realidade, tornando a aprendizagem mais difícil para aqueles que compõem as camadas menos abastadas (BOURDIEU, 1975; 2003).

Jaime Cordeiro ressalta que:

Na concepção pedagógica que a sustentava existia a suposição de uma profunda igualdade entre os indivíduos, na medida que se admitia que todas as pessoas possuem, potencialmente, todas as capacidades necessárias para aprender e, portanto, podem todas aprender juntas os mesmos conteúdos ao mesmo tempo. (CORDEIRO, 2007, p. 107).

Por vezes o educador tem a impressão de que vai atuar em uma turma homogênea e a dialética irá funcionar de acordo com seu plano pré-estipulado, ou seja, que todos os alunos vão aprender os mesmo conteúdos, mas, ao se deparar com as diferentes realidades, acabará trabalhando sob práticas de exclusão social e se adequando ao que o sistema prevê, no ciclo de manutenção social.

Deste modo, o docente não enxerga as necessidades individuais dos seus alunos, quando acreditam que seu único dever é “passar” conhecimento em suas cabeças e o papel dos educandos é aprender, dando feedback desse aprendizado através de atividades que denotem mera reprodução mecânica. “[...] não há como acontecer na escola uma educação adequada às necessidades dos alunos sem contar com o comprometimento ativo do professor no processo educativo” (LOPES, 2009, p. 3).

Diante dessa violência simbólica e exclusões indiretas entranhadas no sistema educacional, faz-se necessário refletir sobre a importância que o docente tem no processo de ensino - aprendizagem de seus discentes, na perspectiva da emancipação dos alunos, buscando uma justiça social. (BOURDIEU, 2003). À luz dessa justiça social, a partir da escola, trataremos sobre a afetividade, estudada pelo psicólogo e filósofo Henri Wallon (1879-1962), onde a didática, os métodos pedagógicos e a relação interpessoal entre os professores e os alunos afetam indireta ou diretamente o educandos, de modo significativo, podendo ser de forma positiva ou negativa.

O educador estando ciente desses conflitos existentes no meio educacional, além de compreender essa reprodução das desigualdades na escola, precisa buscar entender a bagagem sociocultural de seus alunos, como Leonardo Boff cita: “Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo.” (1999, p. 9), assim, reconhecendo a existência de plurais visões de mundo, sabendo partilha-las, buscando relaciona-las com os métodos de ensino e adequando a didática de acordo com as necessidades particulares, pode-se construir uma relação sólida entre o eu e o outro, para em seguida, promover a construção, a compreensão e a reflexão crítica sobre a importância e o papel de cada um em sala de aula.

A teoria walloniana nos mostra o papel essencial do professor no desenvolvimento afetivo da criança, com o direcionamento de que educar é desenvolver o cognitivo em consonância com as emoções, por isso, não é interessante que a escola ignore a vida afetiva de seus alunos. (RODRIGUES, GARMS, 2007). Dessa forma, cabe ao profissional estar em um processo contínuo de reflexão, avaliação e questionamentos sobre os métodos educativos que são utilizados em sua prática educativa, e que não se perca o foco no tocante da formação continuada, pois é fundamental que o professor acompanhe as atualizações sociais, aprimorando seus métodos e qualificando seu ensino para afetar de maneira positiva seus alunos.

É conveniente que o educador esteja consciente do sistema educacional excludente que atua na sociedade, que visa reproduzir as desigualdades sociais, para que, a partir disso, reflita como poderá agir para não ser um agente que ajuda na perpetuação dessa reprodução e promover uma educação na e para as diferenças.

Como nos diz o saudoso pensador brasileiro Paulo Freire: “Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”. (1987, p. 68). Isto nos leva a reflexão de que todos possuem seus saberes individuais e que partilham de uma cultura, advindos de seu meio social, incluindo o professor, e, por meio do diálogo:

O trabalho docente se caracteriza por um constante vaivém entre as tarefas cognoscitivas colocadas pelo o professor e o nível de preparo dos alunos para resolverem as tarefas. Para isso o professor deve cuidar de apresentar os objetivos, os temas de estudos e as tarefas numa forma de comunicação compreensível e clara. (LIBÂNEO, 2017, p. 250)

Desta maneira, é fundamental promover uma comunicação de significados, em um sentido horizontal, buscando elementos que façam parte da realidade sociocultural dos educandos com o que se está trabalhando, promovendo uma educação prazerosa e dentro do entendimento daqueles que estão ali para aprender, usando as palavras geradoras, problematizando e tematizando as questões encontradas no âmbito de aprendizagem, como propôs o educador Paulo Freire em sua teoria pedagógica.

Vale salientar a importância da formação continuada para o educador. Uma vez que, a sociedade pós-moderna está em constante transformação, aonde a veiculação informações circulam rapidamente com o grande avanço tecnológico, advindos da globalização. À vista disso, se faz pertinente que o docente acompanhe essas transformações, para que possa agir e interagir pedagogicamente de maneira qualificada, acompanhando as culturas que emergem na

sociedade e acarretam aos nossos alunos novos hábitos de vida, modos de pensar e agir. Cordeiro (2007) enfatiza:

Somente mediante a instauração desse processo constante de reflexão sobre o seu próprio papel é que os professores poderão melhor entender o que acontece nas escolas em que trabalham e poderão atuar no sentido de instaurar outras modalidades de relações com o saber e, conseqüentemente, de outras modalidades de relação pedagógica. (CORDEIRO, 2007, p. 113).

Em virtude dos fatos mencionados, podemos afirmar que não há métodos didático-pedagógicos universais, que possam atender as várias realidades distintas, por isso, é crucial que haja flexibilidade no planejamento pedagógico, sempre sendo possível adequar a metodologia aos fatores externos encontrados na prática. Diante de cada cultura haverá novas realidades, especificidades a serem consideradas. Cada sala de aula carrega em si suas próprias particularidades. O trabalho de análise, para traçar o projeto de ação mais adequado para cada contexto em classe, será do professor. Moreira salienta:

Para mediar a construção da autonomia e emancipação sócio antropológicas, os profissionais da educação, pelo o processo de formação continuada, realizam sua reinvenção e passam por uma metamorfose. Transformando-se, destruindo-se como professores e construindo-se educadores-pesquisadores. Tornando-se, progressivamente, agentes teórico-práticos, docentes que mediam a formação humana e pesquisadores que investigam sua própria prática e sistematizam os conhecimentos nela produzidos. (MOREIRA, 2002, p. 25)

A analogia das “Três metamorfoses do espírito” do filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900), contida na obra “Assim falou Zaratustra”, cita sobre as três transformações que o homem passa para ser dono de si, o que traz a reflexão sobre como agimos mediante as nossas posturas, a questionarmos se estamos sendo oprimidos e como devemos sair dessa opressão, essa metáfora fala sobre a transformação do espírito de camelo, no qual ele chama de “tu deves” - aquele que leva a carga das coisas sem questionar - para o espírito de leão, denominado como “eu quero” - aquele que se inquieta com sua realidade - para que, por fim, passe ao espírito de criança, denominado: “eu sou” - é um recomeçar - para Nietzsche o espírito de criança é “[...] a inocência e o esquecimento, um novo começar, um brinqueado, uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação.” (1986, p. 27).

Interligando essa alegoria com a abordagem pedagógica, observamos que o educador deve estar aberto ao novo e aos inúmeros conflitos que o espaço escolar é palco, não devendo se prender aos métodos tradicionalistas e unificá-los, com esse pensar filosófico, o docente promoverá uma recriação do seu ser, como ser humano e, por conseguinte, ser profissional, adaptando-se as realidades, além de questiona-las criticamente, não as deixando transformá-lo

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

em uma “besta de carga” e/ou uma espécie de agente de reprodução da opressão social e desigualdades, e sim, tornando-se um ser que pensa por si só, e que saberá trabalhar para a acessão dos educandos em sua integridade, formando:

[...] pessoas que tenham ideias próprias, pensem por si mesmas, sejam capazes de escolher entre alternativas, decidam o caminho a ser seguido, implementem ações. Ao exercer sua autonomia, essas pessoas vão se sentir cada vez mais livres das amarras do poder político e econômico (ANDRÉ, 2016, P. 20)

Por fim, para ter êxito no processo de ensino-aprendizagem, e na relação professor-aluno, é fundante que tomamos conhecimento das construções históricas educacionais, que propagaram a cultura dita dominante e que, por consequência, acarretou exclusões, desigualdades e violências diretas e indiretas. Estando nos inteirado disso, o educador precisa trabalhar de acordo com a realidade e especificidades encontradas em sala de aula, buscando uma formação continuada e estar sempre em um processo de reflexão sobre sua didática, procurando sempre melhorias em sua práxis educativa, possibilitando um diálogo e compreensão entre os sujeitos, instigando-os a refletir e criticar democraticamente, formando sujeitos pensantes para atuar na sociedade de carece de cidadãos autônomos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre o atual sistema educacional brasileiro nos mostram que ele ainda está enraizado nos moldes tradicionais burgueses, pregando uma falsa democracia, que se faz excludente, selecionador e opressor, mantendo as desigualdades sociais e desfavorecendo uma determinada classe social, utilizando a educação como uma ferramenta para tal promoção.

Diante disso, questionamos esse sistema elitista, sempre nos instigando a buscar respostas para os problemas encontrados, mostrando que a educação pode ser libertadora quando pensada e refletida socialmente, culturalmente, historicamente e politicamente, por mediação de uma práxis educativa que caminhe em direção à justiça social.

Para isso, percebermos a importância da relação professor-aluno para o alcance desse objetivo, pois é de grande relevância haver esse diálogo entre ambas as partes, para que, assim, trabalhem em conjunto, fazendo com que conheçam suas necessidades, especificidades e diferenças.

O educador ao se tornar ciente desse sistema de reprodução das desigualdades e da violência simbólica, poderá providenciar uma didática que abrange as especificidades de sua realidade profissional, trabalhando com/para as diferenças e estar sempre em um processo de

formação continuada, aonde que seus métodos educacionais irão sendo adaptados e melhorados de acordo com a realidade e necessidade de seus discentes, visando um ensino-aprendizagem que os aproximem dos conteúdos propostos, mediante sua realidade sociocultural.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. 3. ed., São Paulo: Moderna, 2006.

ANDRÉ, Marli. **Práticas inovadoras na formação de professores**. Campina: Papyrus, 2016.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**. 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, P. (1998a). **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura**. In: NOGUEIRA, M. A. & CATANI, A., orgs. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, p. 39-64.

BOURDIEU, P. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CORDEIRO, Jaime. **Didática**. – 1. ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2007.

FREIRE, Paulo Freire. **Ação cultural para liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor. - São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, R. C. S. **A relação professor aluno e o processo de ensino aprendizagem**. Programa de Desenvolvimento Estado do Paraná, 2009.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Psic. da Ed., São Paulo, 20, 1 sem. de 2005, pp. 11-30.

MOREIRA, Carlos Eduardo. **Formação continuada de professores: entre o imprevisto e a profissionalização**. Florianópolis: Insular, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Um livro para todos e para ninguém. 4ª Ed. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 1986.

RODRIGUES, S. A; GARM, G. M. Z. **Relação professor-aluno e afetividade: reflexões wallonianas sobre o ambiente de aprendizagem e a prática docente.** Campo Grande - MS, n. 23, p. 31-41, 2007.